

# Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

AGOSTO/1983



## O propósito do Sábado

*Pág. 4*

## «Não... sem os agentes humanos»

*Pág. 7*

## O sol ... use-o mas não abuse

*Pág. 8*

## CRISTO — Nossa justiça

*Pág. 9*

## O rato e o jacinto

*Pág. 15*

# Revista Adventista

**DIRECTOR:**

J. Morgado

**PROPRIETÁRIA E EDITORA:**

Publicadora Atlântico, S.A.R.L.

**REDACÇÃO E  
ADMINISTRAÇÃO:**

Rua Salvador Allende, lote 18  
2685 Sacavém Codex  
Telef. 2510844

**EXECUÇÃO GRÁFICA:**

Santos & Costa, Lda.  
Vale Travelho • Pedreiras  
2480 Porto de Mós  
Telef. 42413

**PUBLICAÇÃO MENSAL**

Agosto 1983  
Ano XLIV • N.º 443

**PREÇOS:**

Assinatura anual	300\$00
Número Avulso	30\$00

---

## SUMÁRIO

---

## AGOSTO 1983

---

EDITORIAL	3
O PROPÓSITO DO SÁBADO	4
FELICIDADE É...	6
«NÃO... SEM OS AGENTES HUMANOS»	7
O SOL ... USE-Ó MAS NÃO ABUSE!	8
CRISTO — NOSSA JUSTIÇA	9
O RATO E O JACINTO	15
NOTÍCIAS DO CAMPO	16

---



Prezados Irmãos,

Acaba o Ministério de Educação de publicar um decreto-lei tornando novamente obrigatório o ensino de Religião e Moral católicas nas escolas do nosso país.

Alegam, mais uma vez, as responsabilidades assumidas na concordata da Santa Sé e, portanto, caberá à Igreja Católica a responsabilidade do ensino e a indicação dos respectivos professores.

Nada fala o decreto-lei acerca do ensino a ministrar aos alunos, e não são poucos, que têm outras convicções religiosas.

Dá no entanto a possibilidade destes últimos pedirem para serem dispensados daquelas aulas, sem prejuízo para o seu aproveitamento escolar.

Devem, no entanto, os pais no caso de menores de 16 anos e depois os próprios jovens, pedirem para serem dispensados dessas aulas. Não indica o decreto a altura em que isso deve ser feito mas penso que os encarregados de educação adventistas deveriam informar-se na

altura das matrículas como e quando deverão entregar o seu pedido. Deveriam igualmente orientar os seus filhos para que, no momento oportuno, tomem a mesma decisão.

O levantar, de novo, deste problema, deveria consciencializar, uma vez mais, os pais adventistas da necessidade de tomarem a sério o problema da educação religiosa dos seus filhos.

Lembremos que nos tempos patriarcais a educação que prevalecia estava «centralizada na família». É na família ainda hoje, que as melhores e mais belas e profícuas lições podem ser aprendidas. No entanto, muitas vezes andamos de tal maneira atarefados que esquecemos essa nossa responsabilidade.

Para suprir esta falta Deus providenciou outro meio, que foi a instituição das escolas dos profetas — «Estas escolas destinavam-se a servir como uma barreira contra a corrupção prevalecente, a fim de prover a prosperidade intelectual e espiritual da juventude...» *Educação*, pág. 46

Deveríamos, estabelecer hoje planos semelhantes para que os nossos filhos sejam como plantas, bem



desenvolvidas na sua mocidade; para que as nossas filhas seja como pedras de esquina lavradas, como colunas de um palácio.» Salmos 144:12

Para isso foi lançado há dois anos o plano do estabelecimento em todas as nossas Igrejas de Escolas Bíblicas. Estas escolas, com um programa semanal, a cargo do Pastor, ancião, obreira bíblica, etc. deveriam dar aos nossos filhos, principalmente os que frequentam escolas públicas o alimento espiritual, a instrução bíblica que os ajudará a estar preparados para a luta contra os ciladas que o inimigo colocará no caminho de cada um.

Temos manuais extraordinários para estas escolas e, é nosso dever estabelecê-las a partir do próximo ano escolar em todas as nossas Igrejas.

Pedir a isenção das aulas de moral e religião católicas não é o suficiente. Não chega aquilo que as nossas crianças e jovens aprendem ao sábado na Igreja.

É necessário mais e isso poderá ser conseguido através do ensino que for ministrado nas Escolas Bíblicas.

*J. Morgado*

# O propósito do Sábado

CARL COFFMAN

**Sentimo-nos mais perto do Senhor ao findar o Sábado, ao pôr-do-sol, do que nos sentíamos quando ele começou ao pôr-do-sol de Sexta-feira?**

Há quase 140 anos, no dia 22 de Outubro de 1844, mais de 50.000 Milleritas oraram e vigiaram fervorosa e expectantemente pelo regresso de Jesus à terra. Escureceu, passou depois a meia-noite, e com ela um grande desapontamento se apoderou daquele grupo expectante de crentes. Assim se cumpriram as palavras de Apocalipse 10:8-10. Nelas havia Cristo dito a João em visão referente ao outro livro selado de Daniel, que continha a profecia dos 2.300 anos que agora se cumprira: «Toma-o, e come-o, e ele fará amargo o teu ventre, mas na tua boca será doce como o mel» (v. 9). Quão doce havia sido a expectativa da volta de Jesus, quão amargo foi o passar daquela meia noite e os dias e meses de perplexidade que se seguiram.

Mas Apocalipse 10 termina com as palavras: «Deves profetizar de novo perante muitos povos, e nações, e línguas, e reis» (v. 11). Que significam estas palavras? Antes do desapontamento, e principalmente na Nova Inglaterra, Guilherme Miller havia anunciado a vinda da hora do juízo do primeiro anjo, em conexão com o breve cumprimento de Daniel 8:14. No Verão daquele ano, a seguir a um desapontamento anterior, e devido à frieza e oposição das igrejas populares à mensagem da segunda vinda de Cristo, a mensagem do segundo anjo de Apocalipse 14:8 também havia sido dada. Não houve, contudo, qualquer proclamação da mensagem do terceiro anjo de Apocalipse 14:9-12 antes do desapontamento, e quase nenhuma compreensão acerca do Sábado. Embora alguns indivíduos entre os Milleritas tivessem convicções quanto a uma suposta obrigação de guardar o sétimo dia, o Sábado não foi geralmente considerado importante entre os Milleritas.

Por isso não houve compreensão da mensagem do terceiro anjo senão depois do desapontamento, e, conseqüentemente, uma plena proclamação mundial das mensagens dos três anjos era futura em relação à data de 22 de Outubro.

CARL COFFMAN

Director do Departamento de Religião da  
Universidade de Andrews, Berrien Springs, Michigan, E.U.A.

## Prontos para encontrar o Senhor

Sem conhecerem ou guardarem o Sábado, aqueles milhares em 1844 estavam prontos para encontrar o Senhor. «Aqueles que participaram nestes movimentos solenes estavam em harmonia; os corações estavam cheios de amor de uns para com os outros e para com Jesus, a quem esperavam em breve ver.

Uma só fé, uma só bem-aventurada esperança, erguia-os acima do controlo de qualquer influência humana, e provou-se serem um escudo contra os assaltos de Satanás». — *O Grande Conflito*, pág. 320. Ellen White, reflectindo no carácter do reavivamento millerita, declarou: «De todos os grandes movimentos religiosos desde os dias dos apóstolos, nenhum estivera mais livre de imperfeições humanas e dos enganos de Satanás do que o do Outono de 1844». — *Idem*, pág. 322. Que mais, então, podia um conhecimento da verdade do Sábado e uma compreensão da mensagem do terceiro anjo ter feito por eles? Podem estas e outras doutrinas bíblicas que hoje conhecemos tornar-nos *mais livres* de imperfeições do que o foram os expectantes Milleritas? É-nos possível estarmos *mais prontos* para encontrar a Cristo, porque compreendemos melhor a verdade hoje?

Isto leva-nos de volta à mensagem do primeiro anjo e à questão vital. Qual é o propósito do Sábado e de todas as doutrinas bíblicas? O primeiro anjo disse: «Temei a Deus e dai-lhe glória; porque vinda é a hora do Seu juízo e adorai Aquele que fez os céus, e a terra, e o mar, e as fontes das águas» (Apoc. 14:7). «Pelo primeiro anjo os homens são chamados... a adorá-l'O como o Criador dos céus e da terra. A fim de isto fazerem, precisam de obedecer à Sua lei. ... Sem obediência aos Seus mandamentos nenhum culto pode agradar a Deus». — *Idem*, pág. 349.

## Assinalado Contraste

As mensagens dos três anjos apresentam-se em assinalado contraste em relação com a visão da apostasia que João viu e registou em Apocalipse 13. Ali, o próprio diabo apela, por meio de poderes terrenos, a que a humanidade o adore. E a tragédia é que muitos lhe prestarão culto em vez de o fazerem ao Criador. «E todos os que habitam sobre a terra o adorarão (a besta semelhante ao leopardo), cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo»

(v. 8). O diabo opera depois mediante a segunda besta, a besta semelhante ao cordeiro, e por meio dela «faz que a terra e os que nela habitam adorem a primeira besta, cuja ferida mortal fora curada» (v. 12).

Ellen White transcreve a mensagem do primeiro anjo e depois diz: «Esta mensagem, se atendida, chamará a atenção de cada nação e tribo e língua e povo a um cuidadoso exame da Palavra, e para a verdadeira luz a respeito do poder que mudou o Sábado do sétimo dia para um sábado espúrio. O único Deus verdadeiro foi desprezado, a Sua lei rejeitada, a Sua sagrada instituição do Sábado tem sido espezinhada no pó pelo homem do pecado». — *Mensagens Escolhidas*, livro 2, pág. 105. Na primeira mensagem angélica Deus apela para o nosso culto. E no centro desse culto encontra-se o verdadeiro sétimo dia, o Sábado, do Criador de todas as coisas.

Ao revermos o Sábado aqui, concentrar-nos-emos na questão: Qual é o propósito do Sábado em conexão com a nossa preparação para encontrar o Senhor? Após seis dias de criação, Deus colocou de lado o sétimo dia, «e descansou no sétimo dia de toda a Sua obra, que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo, e o santificou». (Gén. 2:2, 3). Ele o estabeleceu para pessoas perfeitas, Adão e Eva. E quando a terra for de novo recriada, Ele promete: «E será que desde uma lua nova até à outra, e desde um sábado até ao outro, virá toda a carne a adorar perante mim, diz o Senhor» (Isa. 66:23). O Sábado será guardado por pessoas perfeitas por toda a eternidade.

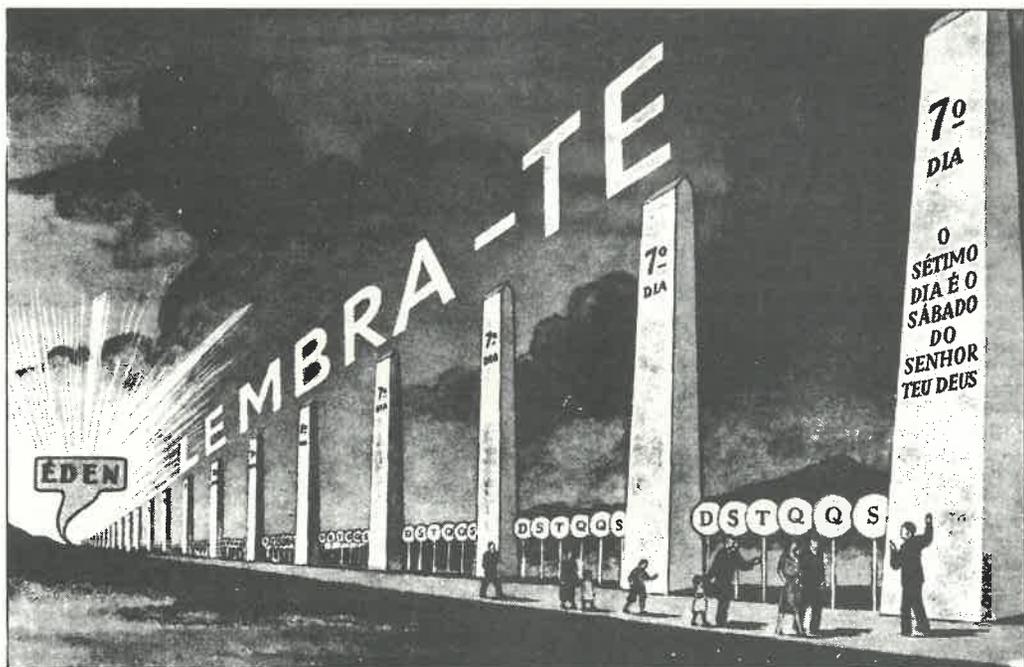
Deus deu e promete o Sábado a pessoas perfeitas. Respondemos comumente que foi, é, e sempre será um memorial do verdadeiro Criador. É um dia de descanso. É um dia colocado à parte para uso

santo. Mas tinha Deus qualquer outro propósito em mente ao dá-lo a pessoas perfeitas.

Deveríamos analisar muito cuidadosamente as seguintes declarações: «Deus viu que era essencial um Sábado para o homem, mesmo no Paraíso. Ele precisava de pôr de lado os seus próprios interesses e afazeres um dia em cada um dos sete, *para que melhor pudesse contemplar as obras de Deus* e meditar sobre o seu poder e bondade. Ele precisava dum Sábado *para o lembrar* mais vividamente de Deus e *despertar* nele gratidão porque tudo o que gozava e possuía viera das mãos beneficentes do Criador». — *Patriarcas e Profetas*, pág. 48. «O santo par não era apenas como filhos sob o paternal cuidado de Deus, mas eram *estudantes* recebendo instrução do Todo-Omnisciente Criador. ... Estavam sempre descobrindo alguma atracção que enchesse os seus corações *com mais profundo amor* e produzisse *novas expressões* de gratidão.

«Enquanto permanecessem leis à lei divina, a sua capacidade para conhecer, gozar e amar aumentaria continuamente. Estariam constantemente ganhando *novos tesouros* de conhecimento, descobrindo *novas fontes* de felicidade, e obtendo concepções cada vez mais claras do incomensurável, infalível amor de Deus.» — *Idem* págs. 50-51.

Assim, Deus instituiu o Sábado como o Seu dia mais distinguido a fim de que pessoas perfeitas pudessem aprender mais acerca d'Ele, da Sua Criação e do Seu amor. Essas pessoas perfeitas estariam para sempre amadurecendo, para sempre apreciando cada vez mais o seu Criador, para sempre se tornando cada vez mais belos reflexos do Seu amor. O Sábado seria o ponto alto, semanalmente, para este glorioso desenvolvimento. À parte da revelação de Si mesmo e do Seu amor, o Sábado seria, através de todos os séculos, a dádiva mais importante de





## Felicidade é...

**1. Que parábola usou Jesus para ilustrar a tendência humana de buscar a felicidade nas coisas?**

*Lucas 12:15-21* — A parábola do homem rico ilustra a loucura de fazer deste mundo o nosso alvo de felicidade.

**2. O que vale mais do que as maiores riquezas do mundo?**

*Marcos 8:36, 37* — «Que aproveitaria ao homem ganhar todo o mundo...?»

**3. Porque é que as riquezas não são um investimento seguro em felicidade?**

*Provérbios 23:4,5* — As riquezas voam.

**4. Qual era a ideia de Jesus sobre felicidade?**

*Mateus 5:6* — Bem-aventurados — felizes — os que têm fome e sede de justiça.

Ter fome ou sede não é a nossa ideia de felicidade. Todavia Jesus diz que os que tiveram uma profunda fome de justiça serão realmente satisfeitos.

**5. Quem, apenas, pode mitigar a sede da alma?**

*João 4:10-14* — Jesus é a Água Viva que sacia a nossa sede.

**6. Qual era o fundamento da felicidade de Israel?**

*Deuteronómio 33:27-29* — Eram o povo salvo pelo Senhor.

Moisés estava quase a depor o fardo da liderança. Estas foram as Suas palavras finais a Israel. Deus tinha-os salvo e preservado. A Sua felicidade futura dependeria de como se lembrassem do que Deus fizera por eles.

**7. Qual é o perigo de confiar em Seres humanos para obter felicidade?**

*Jeremias 17:5, 7* — Não

ousamos confiar no frágil braço da humanidade quanto a obter felicidade, mas confiamos no Senhor. Ver *Provérbios 16:20*.

**8. Que diferença faz a presença de Deus?**

*Salmos 146:5; 144:15* — Feliz daquele que tem o auxílio e a esperança do Senhor pelo Seu lado. Que mais poderíamos desejar no nosso conturbado mundo do que esta certeza?

**9. Qual é a chave da felicidade?**

*Provérbios 3:13-18* — Sabedoria e entendimento são as principais coisas do livro do sábio. *Provérbios 9:10* explica que o temor do Senhor é o princípio da sabedoria. Ver também *Salmo 128:1*.

**10. O que é que, parecendo embora paradoxal, é uma condição para a felicidade?**

*Job 5:17* — Feliz aquele que o Senhor corrige.

*1 Pedro 3:14; 4:14* — Feliz aquele que sofre por causa da justiça.

*Mateus 5:11, 12* — Felizes dos que são perseguidos por causa da justiça.

**11. Porque podemos ser felizes pela correcção?**

*Hebreus 12:5, 6* — A quem o Senhor ama, Ele corrige.

*Salmo 94:12* — A repressão ensina-nos a obediência.

*Tiago 5:10, 11* — O Sofrimento produz a paciência.

Correcção, repreensão e sofrimento não são modelos humanos de felicidade. Todavia são os que Deus prescreve. Aquele que sofre pelos seus erros e pecados, sente muitas vezes culpa e temor. Mas o que sofre pelo seu Deus tem a certeza de algo de melhor e mais elevado — genuína e profunda felicidade, que durará para sempre.

Deus à Sua criada raça humana. Não somente amadureceria uma raça perfeita, mas mantê-la-ia verdadeira para com Ele.

Ellen White resume a ideia em apenas uma frase: «O valor do Sábado como meio de educação está para além de qualquer estimativa». — *Educação*, pág. 250. O Sábado é, por conseguinte, mais do que um dia que é um sinal do poder criador e redentor de Deus. Não nos lembra apenas das actividades de Deus; serve para nos ensinar mais acerca delas. Neste ponto se evapora todo o negativismo acerca do Sábado!

Mas devemos acautelar-nos de cometer aqui um triste erro. Não somos salvos por Deus simplesmente porque aprendemos mais. Como toda a doutrina, o Sábado é sempre um meio para um fim, nunca um fim em si mesmo. Ninguém será salvo, ou finalmente selado, simplesmente porque se recusa a trabalhar no Sábado, ou mesmo porque vai à igreja. As pessoas serão eternamente salvas porque aceitaram a perfeita justiça de Cristo, porque são leais a Deus ao guardarem o Seu dia, e porque usaram o Sábado de tal maneira que os seus caracteres foram mudados a ponto de conseguirem amar como Deus ama. É trágico o facto de que muitos observadores do Sábado, o sétimo dia, serão sacudidos para fora do remanescente de Deus perto do tempo do fim, e afinal se perderão. Eles tiveram o dia certo, mas falharam em usá-lo de maneira tal que, pela graça e Espírito de Deus, o carácter de Deus tivesse sido desenvolvido neles. Uma vez que as Escrituras unem claramente a observância do Sábado com a santificação (*Êxo. 31:13; Ezeq. 20:12*), podemos ver qual o objectivo que Deus tem em mente para essa observância.

Na nova terra «cada faculdade será desenvolvida, cada capacidade aumentada». — *O Grande Conflito*, pág. 541. O eterno Sábado semanal contribuirá fortemente para o amadurecimento eterno dos remidos por todo o sempre. E qual será a evidência principal deste processo de crescimento eterno? Os remidos aprenderão e reflectirão eternamente mais e mais acerca do glorioso e maravilhoso amor de Deus.

Se pessoas perfeitas necessitaram, e para sempre necessitarão, do Sábado, quanto mais cada um de nós falhos e pecadores mortais? Está o Sábado contribuindo para o nosso processo de aprendizagem e de amadurecimento? Estamos nós relacionando-nos com o Sábado de maneira tal que as suas horas, cada semana, nos tragam o máximo desenvolvimento espiritual? Estamos nós mais perto do Senhor no Sábado ao pôr-do-sol do que estávamos na Sexta-feira ao pôr-do-sol? Estamos nós tornando mais semelhantes a Ele — mais amorosos, pacíficos, alegres, pacientes, e amáveis?

O primeiro anjo diz: «Adorai-O». Deus disse a Isaías que na nova terra cada Sábado toda a carne viria a «adorar». Verdadeira observância do Sábado e verdadeiro culto são inseparáveis. E qual o resultado final? Os santos serão tão «semelhantes a Ele» que será seguro salvá-los. Mesmo na eternidade, o Sábado contribuirá para a garantia de que o pecado «não se levantará uma segunda vez» (*Naúm 1:9*).



# 1000 DIAS DE COLHEITA

## «Não ... Sem Os Agentes Humanos»

KENNETH H. WOOD

Havia quatro dias que Lázaro morrera. Envolto em vestes fúnebres, jazia num sepulcro cavado na rocha, cuja entrada fora fechada com uma pesada pedra. As suas irmãs, Maria e Marta, pensavam que ele ficaria ali até à «ressurreição do último dia» (João 11:24). «Onde o pusestes?» perguntou Jesus. «Vem e vê», disseram-lhe as duas mulheres. Ao irem até ao sepulcro, uma multidão — pessoas que tinham vindo consolar as irmãs pela perda de Lázaro — acompanhou-os chorando e carpindo. Jesus sentiu o impacto emocional da cena. Sentiu a dor genuína de uns, a dor profissional de outros, a descrença nos corações de muitos e, «lançando o olhar através dos séculos futuros, viu o sofrimento e a dor, as lágrimas e a morte que caberiam em sorte aos homens.» — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 397.

Movido por compaixão e sentindo profundamente a dor e as mágoas dos Seus irmãos e irmãs humanos através de todos os séculos, «Jesus chorou» (versículo 35). Tão intensa era a Sua agonia que Jesus «movendo-Se outra vez muito em Si mesmo», chorava quando Se aproximou do Sepulcro. Diante do túmulo, ordenou: «Tirai a pedra» (v. 39). Jesus poderia ter ordenado à pedra que se desviasse da entrada da caverna. Poderia ter mandado aos anjos que a removessem. Podia ter pedido a Seu Pai que vaporizasse a pedra. Mas Jesus não fez nada disto. Ele queria dar uma lição aos que se encontravam junto daquele túmulo e aos seres humanos até ao fim do tempo e essa lição é que «o que o poder humano pode fazer, o divino não é solicitado a realizar». — *Ibid.* pág. 398.

Os seres humanos não podiam dar vida a Lázaro, mas podiam abrir o túmulo, podiam abrir o caminho

para que o poder divino operasse um milagre.

«Lázaro, sai para fora!» (v. 43), clamou Jesus com grande voz e «o defunto saiu, tendo as mãos e os pés ligados com faixas, e o seu rosto envolto num lenço» (v. 44). Agora, tendo feito aquilo que só Ele podia fazer, Jesus uma vez mais pediu a colaboração dos seres humanos:

«Desligai-o e deixai-o ir.»

Não devemos esquecer hoje esta lição. Não devemos pedir a Deus que faça o que nós podemos fazer. Ele realizará milagres, mas só quando nós retirarmos «a pedra».

No campo da medicina é justo pedirmos a Deus que cure uma pessoa doente. Mas podemos nós, legitimamente, esperar que Ele nos responda se não administrarmos o remédio, tratamento médico específico que ajudará o corpo a lutar contra a infecção ou a doença? No domínio do viver saudável, está certo pedirmos a Deus a vitória sobre os hábitos que destroem a saúde, tais como a tabaco o álcool. Mas, poderemos nós esperar a vitória se não lançarmos fora os nossos cigarros e as nossas bebidas alcoólicas? Temos uma parte a fazer. Temos de afastar a «pedra». Então ser-nos-á concedido o poder divino.

Pensai nos nossos Colportores. Todos os anos estes obreiros da página impressa colocam milhares de livros e revistas no valor de milhões de escudos. O Espírito Santo — poder divino — impressiona o povo a comprar, mas seres humanos «afastam a pedra» fazendo contactos e apresentações desses livros e revistas.

O mesmo acontece com os programas da campanha das Missões e da Semana de Extensão Missionária, que trazem para a Causa de Deus importantes meios financeiros. Mas as pessoas e empresas que possuem esses meios, não

os dão sem qualquer convite. É através dos irmãos e irmãs que se dispõem a apresentar as revistas e os livros missionários, e a vendê-los para esse fim, escrevendo cartas, fazendo visitas, que os alvos são alcançados e as verbas entram na «Casa do Tesouro». Os humanos fazem a sua parte, então Deus impressiona o povo a corresponder. A humanidade coopera com a Divindade na realização de um «milagre».

### **Ressuscitando os mortos espiritualmente**

De todos os empreendimentos que exigem estreita colaboração entre Deus e os seres humanos, nenhum é mais importante do que ganhar almas. Embora os seres humanos possam estudar a Bíblia com aqueles que não conhecem as Escrituras, embora eles possam contar a outros a história da salvação, embora possam apelar às almas para que se decidam por Cristo, nenhum destes esforços humanos será eficaz sem a presença e o poder do Espírito Santo. Deus ressuscitará para a vida aqueles que estão espiritualmente mortos, mas os seres humanos têm de fazer a sua parte, tal como aconteceu junto ao túmulo de Lázaro.

A Bíblia torna claro, através de inúmeras experiências, que Deus espera que os seres humanos façam a sua parte em resgatar almas do pecado, levá-las a Cristo e ensinar-lhes a verdade. Quando Deus deu uma visão a Cornélio, o centurião de Cesareia, disse-lhe: «Envia varões a Jope, e mandá chamar Simão, que tem por sobrenome Pedro, o qual te dirá palavras com que te salves, tu e toda a tua casa» (Actos 11:13, 14). Deus sózinho podia dar visões tanto a Cornélio como a Pedro e Deus sózinho podia ter levado Cornélio a aceitar a salvação

através de Jesus, mas Ele quis que Pedro fizesse a sua parte — era Pedro quem devia apresentar a mensagem do Evangelho a Cornélio.

O anjo que disse a Filipe onde interceptar o eunuco etíope podia muito bem ter-lhe relatado a história de Jesus; podia ter-lhe explicado as profecias de Isaías; mas não o fez (Actos 8:26-31). «Esta não é a maneira de Deus agir. É Seu plano que os homens trabalhem por seus semelhantes.» — *Actos dos Apóstolos*, pág. 109.

Está neste momento em curso, em todo o mundo, o programa denominado **1000 Dias de Colheira**, cujo objectivo é 1000 almas por dia durante 1000 dias. Deus fará a sua parte neste esforço, nesta grande colheita; os anjos farão a sua parte; mas para o programa ter êxito, os seres humanos terão também que fazer a sua parte. «Deus não finalizará a Sua obra sem os agentes humanos.» — *Serviço Cristão*, pág. 9.

### **«Deus não finalizará a Sua obra sem os agentes humanos.»**

*Serviço Cristão*, pág. 9

No túmulo de Lázaro, quando Jesus mandou: «Tirai a pedra», o povo obedeceu, e operou-se um extraordinário milagre. Hoje Jesus anseia por libertar o Seu povo da prisão do pecado; anseia por dar liberdade aos cativos (Isaías 61:1). Acreditais que se partilharmos a nossa fé, almas não-de ser salvas? Acreditais que a extensão da Ceifa de Pentecostes pode ser multiplicada por mil? Porque não? Embora isso exija um milagre, não prometeu Jesus: «Aquele que crê em Mim também fará as obras que Eu faço, e as fará maiores do que estas» (João 14:12)?

## **O Sol... Use-o mas não abuse!**

*Dr. Daniel Esteves*

Com a chegada dos belos dias de praia, muitos de nós temos o desejo de rapidamente mudar a coloração do nosso corpo, obtendo um tom bronzeado que perdure pelo ano fora. Para isso procuramos aproveitar ao máximo o pouco tempo de que dispomos fazendo uma exposição intensiva ao sol.

Todos sabemos quanto custa uma queimadura solar, pensando talvez que valerá a pena suportar os seus incómodos desde que se consiga mais rapidamente obter o que pretendemos. No entanto, não devemos pensar apenas nas consequências imediatas desses actos irreflectidos. A dor ou o ardor que depois dum dia de exposição ao sol podemos sentir é apenas um dos muitos males que tal atitude pode acarretar para cada um de nós. É necessário recordar que a nossa pele sofre um processo de envelhecimento acentuado e precoce sempre que se comete um excesso em relação ao sol. Assim sendo, caberá perguntar se se pretende uma pele bem bronzeada durante o verão e muito envelhecida durante todo o ano?

Além deste prejuízo, há também uma maior incidência de determinadas doenças da pele devido à agressão dos raios solares. Algumas dessas doenças são de carácter bastante grave, pelo que nos deveríamos precaver. A melhor forma de evitar males maiores à nossa pele consiste em não procurar um bronzeamento demasiado rápido, mas sim em fazer uma exposição ao sol progressiva, usando um bom creme de protecção (cuidado, pois os cremes podem ajudar mas não fazem milagres!) e mantendo um bom nível de hidratação da pele quer usando meios externos quer através duma utilização mais intensiva de água na nossa alimentação. De facto, o sol é uma grande bênção que podemos gozar, mas não devemos ir além do que seja razoável...

*Departamento de Saúde e  
Temperança da União  
Portuguesa.*

# CRISTO — Nossa Justiça

ERNESTO FERREIRA

A teologia de Lutero, como aliás a do apóstolo Paulo e até certo ponto a de Agostinho de Hipona, é a expressão dramática da sua extraordinária vivência religiosa, numa trajectória que, partindo de profunda angústia e insatisfação de alma, culmina em paz espiritual e plenitude cristã.

Apesar de ter sido criado no seio de uma família que tomava a sério as coisas de Deus e de ter feito os seus estudos secundários e universitários como um jovem moralmente exemplar, Lutero não se sentia espiritualmente satisfeito. E para encontrar a paz pela qual ansiava a sua alma decidiu abraçar a vida religiosa como frade, entrando para o convento dos Eremitas de Santo Agostinho, em Erfurt, onde, passados dois anos, foi ordenado sacerdote.

### Conflito espiritual de Lutero no convento

A maneira como Lutero viveu no convento, as lutas espirituais ali travadas, a sua insatisfação espiritual apesar de todos os esforços para obter a perfeição e a paz — tudo isso foi mais tarde, repetidas vezes, por ele recordado.

Vejamos algumas das suas reminiscências.

«Eu era um fervoroso frade, vivia estrita e castamente, não usaria um centavo sem o conhecimento do meu superior, orava diligentemente dia e noite.»<sup>1</sup>

«Mantinha-me em vigília noite após noite, jejuava, orava, castigava e mortificava o meu corpo, era obediente e vivia castamente.»<sup>2</sup>

«Na verdade, fui um frade piedoso, e segui as minhas regras tão estritamente que posso dizer que se jamais um frade pôde ter ganho o céu pelas suas práticas, eu certamente o teria alcançado. Isto todos os meus companheiros de convento que me conheceram poderão atestar.»<sup>3</sup>

«Quando eu era frade, esgotava-me jejuando, vigiando, orando e dedicando-me a outros labores fatigantes. Seriamente cria que podia obter justificação através das minhas obras, e não podia ter crido possível que eu abandonasse esta espécie de vida.»<sup>4</sup>

«No convento, eu não pensava acerca de dinheiro, nem de posses mundanas, nem de mulheres, mas o meu coração tremia quando pensava como poderia tornar Deus misericordioso para comigo.»<sup>5</sup>

Ao lermos estas frases, e outras que poderíamos citar, seríamos tentados a duvidar da sua inteira

veracidade. Até ao presente ninguém pôde, porém, com base histórica, pôr em dúvida o íntegro comportamento e carácter de Lutero.

Já em 1518, Erasmo, que aliás se tornou mais tarde seu opositor, deu o significativo testemunho: «Constato que a vida deste homem é louvada unanimemente e é um sinal muito bom em seu favor que os seus costumes sejam tão puros que nem mesmo os seus adversários encontram neles matéria para calúnia.»<sup>6</sup>

Todas as práticas e esforços realizados a fim de obter a paz de espírito se revelavam, porém, inúteis.

Escreveu ele mais tarde: «Pouco depois da minha entrada no convento, sentia-me sempre triste e não podia libertar-me dessa tristeza.»<sup>7</sup>

«Quando era frade procurei sempre viver rigidamente de acordo com as estritas regras da minha ordem. Costumava fazer uma lista dos meus pecados, e estava sempre a caminho da confissão, e todas as penitências que me eram ordenadas eu cumpria religiosamente. Apesar de tudo isso, a minha consciência estava sempre numa febre de dúvida. Quanto mais buscava ajudar a minha pobre consciência ferida tanto pior ela ficava. Quanto mais prestava atenção aos regulamentos tanto mais os transgredia.»<sup>8</sup>

As lutas espirituais por que passou abalaram tão profundamente o seu ser, que Lutero caiu doente. Recorda ele: «Eu estava na enfermaria; as mais cruéis tentações esgotavam o meu corpo e martirizavam-no.» Mas ninguém o compreendia. «Todos aqueles a quem eu me queixava respondiam: 'Não sei'. Então eu dizia a mim mesmo: 'Sou pois o único que deve estar tão triste de espírito?'»<sup>9</sup>

### Intervenção de João Staupitz

O homem providencial que apareceu na vida de Lutero para o fazer sair do labirinto em que se encontrava foi o piedoso João Staupitz. A princípio talvez não tenha compreendido todo o alcance do drama que se desenrolava na alma do jovem frade, mas em breve descobriu que se tratava de uma experiência espiritual extraordinária em que o apelo da graça divina era mais do que evidente.

Lutero jamais esqueceu e deixou de honrar com gratidão o benfeitor que o libertou das garras da dúvida e do temor, e o conduziu à feliz experiência do amor de Deus, da apropriação dos méritos de Cristo e da justificação pela fé.

Que Staupitz o não compreendeu logo depreende-se de uma das conversas à mesa, em Dezembro

ERNESTO FERREIRA

Pastor aposentado, Director das Revistas Saúde e Lar e Sinais dos Tempos

de 1531, na qual Lutero recorda: «Também jazi doente no hospital, mas não tinha consolador. Quando revelei as minhas tentações a Staupitz, ele disse: 'Eu não te compreendo, eu nada sei acerca disso.'»<sup>10</sup>

Mas essa incompreensão foi apenas de pouca dura. Não tardou que ele captasse a verdadeira essência do drama espiritual do seu confrade e, mais do que isso, oferecesse a solução autêntica para o problema que o atormentava.

Passou-se isso em 1507, ano em que Lutero celebrou a sua primeira missa. Trinta e cinco anos mais tarde, em 1542, escrevia ele ao conde Alberto de Mansfeld: «Se Vossa graça permanecesse afundado nessas tentações, eu ficaria desolado com isso; pois também nelas estive afundado e se o Dr. Staupitz ou, antes, Deus por meio do Dr. Staupitz, me não tivesse ajudado a sair delas, nelas me teria afogado e me encontraria desde há muito no inferno.»<sup>11</sup>

O reformador considerá-lo-ia sempre como seu verdadeiro pai espiritual, «porque», segundo as suas próprias palavras, «ele me gerou em Cristo» (mich in Christ geboren hat).<sup>12</sup>

Staupitz começou por levar Lutero a compreender que por si mesmo não podia modificar a sua condição pecadora. Costumava dizer: «Supunhamos um grande monte. A lei diz: 'Deves passar por cima dele'; a temeridade responde: 'Passarei'. 'Tu não podes', afirma a consciência; e o desespero conclui: 'Pois bem, renuncio a isso'». Esta impotência para fazer o bem, ele próprio a tinha experimentado. Confessava ao seu jovem amigo: «Mais de mil vezes, prometi tornar-me piedoso, e não consegui sê-lo; vejo bem que me é impossível cumprir a minha promessa, e já não quero mais vangloriar-me disso.»<sup>13</sup>

Na sua situação desesperada, clamava Lutero: «Oh! os meus pecados! os meus pecados! os meus pecados!» Ao que Staupitz replicava: «Tu querias não ser mais do que um pecador fictício, e não possuir também senão somente um Salvador fictício?»<sup>14</sup>

E as suas palavras foram ainda mais incisivas: «Em vez de torturar-te por causa dos teus pecados, lança-te nos braços do Redentor. Confia n'Ele, na justiça da Sua vida, na expiação da Sua morte... Escuta o Filho de Deus. Ele fez-se homem para te dar a certeza do favor divino.»<sup>15</sup>

## Finalmente, em paz

A semente lançada por Staupitz começou a germinar no coração de Lutero. Levou, porém, tempo até que ela atingisse a sua plena maturação.

Deus estava preparando Lutero para uma extraordinária missão. A Sua própria experiência, tão agudamente vivida, ajudaria a outros em condições semelhantes. Dizia-lhe Staupitz: «Tu não sabes, Martinho, quanto esta tentação é útil e necessária para ti. Não é arbitrariamente que Deus te prova assim. Tu verás que Ele vai servir-se do teu ministério para realizar grandes coisas.»<sup>16</sup>

À medida que Martinho Lutero passa a ministrar o ensino na Universidade de Wittenberg, primeiro, em 1513, sobre os Salmos, depois sucessivamente sobre as epístolas aos Romanos e aos Gálatas, mais e mais se torna clara em sua mente e real em sua vida a verdade de que, para sua justificação, paz espiritual e salvação, o homem não pode basear-se em quaisquer obras, sejam elas as aparentemente mais virtuosas, mas apenas na graça de Cristo recebida pela fé.

E a sua experiência vai-se aperfeiçoando até àquela para sempre lembrada «Turmerlebnis» (descoberta da torre), no Outono de 1514, em que na Torre negra do convento agostiniano de Erfurt Lutero, sentado diante de uma Bíblia aberta, permitiu que Deus se dirigisse a ele face a face.

É da iluminação espiritual da «Turmerlebnis» que verdadeiramente devia ser datado o início da Reforma. A essa experiência se referiu mais tarde Lutero numa das suas conversas à mesa: «Noite e dia meditava até que vi a conexão entre a justiça de Deus e a declaração de que 'o justo viverá pela fé'. Então aprendi que a justiça de Deus é a justiça pela qual, mediante a Sua graça e profunda compaixão, Deus nos justifica pela fé. Imediatamente me senti renascer e me pareceu ter entrado, através das portas abertas, no próprio paraíso. Toda a Escritura tomou para mim um novo sentido, e assim como antes a 'justiça de Deus' me tinha enchido de terror, agora se me revelava como inexprimivelmente doce e repleta de amor. O texto de Paulo tornou-se para mim uma porta do céu.»<sup>17</sup>

A partir de então, Lutero vive inteiramente identificado com Cristo. Cristo será doravante a fonte da sua paz, a inspiração do seu ministério, a razão de ser da sua vida. Poucos em toda a história do Cristianismo terão atingido tais culminâncias na exaltação de Cristo e da Sua presença na vida do crente.

Foi sobretudo no Comentário da Epístola aos Gálatas que Lutero condensou a sua concepção cristo-cêntrica da vida espiritual. Dessa obra prima, toda ela digna de um estudo atento, extraímos apenas alguns breves trechos:

«Quando primeiro tomei a defesa do evangelho, lembro-me do que o Dr. Staupitz me disse. 'Agrada-me', disse ele, 'que a doutrina que proclamas dê toda a glória a Deus e nenhuma ao homem. Pois nunca pode demasiada glória, bondade e compaixão ser atribuída a Deus.' Estas palavras do digno Doutor confortaram-me e confirmaram-me. O Evangelho é verdadeiro porque priva os homens de toda a glória, sabedoria e justiça, e atribui toda a glória só ao Criador.»<sup>18</sup>

«Rejeitar a graça de Deus é um pecado comum, do qual é culpado todo aquele que vê qualquer justiça em si mesmo ou nas suas ações.»<sup>18</sup>

«Se a minha salvação foi tão difícil de realizar que necessitou da morte de Cristo, então todas as minhas obras, toda a justiça da lei, nada valem.»<sup>18</sup>

Em última análise, cumprir a Lei significa crer em Jesus Cristo. A árvore vem primeiro, e depois os frutos.»<sup>18</sup>

«Os que pretendem obter justiça pelos seus próprios esforços não dizem por estas palavras: 'Eu sou Deus; eu Sou Cristo'. Mas é como se dissessem: 'Usurpam a divindade e ofício de Cristo. O efeito é o mesmo como se dissessem: 'Eu sou Cristo; eu sou um Salvador. Eu salvo-me a mim mesmo.'»<sup>18</sup>

«Só Cristo pode fazer-nos inocentes de toda a transgressão. Como? Primeiro, pelo perdão dos nossos pecados e a imputação da Sua justiça. Em segundo lugar, pelo dom do Espírito Santo, que gera nova vida e actividade em nós.»<sup>18</sup>

«A Lei é uma declaração de débito, o Evangelho uma declaração de crédito.»<sup>18</sup>

Quando ensinamos a justificação pela fé em Cristo confessamos ao mesmo tempo que Cristo é Deus.»<sup>18</sup>

«A Lei é um especialista para nos levar a Cristo.»<sup>18</sup>

Desnecessário será dizer que, quando temos vestido o manto da justiça de Cristo, devemos não nos esquecer de vestir também o manto da imitação de Cristo.»<sup>18</sup>

«Tão certos como estamos de que Cristo agrada a Deus, assim devemos estar certos de que agradamos a Deus, porque Cristo está em nós.»<sup>18</sup>

Sempre que [Paulo] fala de justiça, graça, promessa, adopção e herança do céu, ele acrescenta as palavras 'Em Cristo' ou 'Por Cristo', para mostrar que estas bênçãos não podem ser obtidas pela Lei, ou pelas obras da Lei, e muito menos pelos nossos próprios esforços, ou pela observância e tradições humanas, mas unicamente por e através e em Cristo.»<sup>18</sup>

## A fé e as obras

Ao verificar a ênfase dada por Lutero à fé no processo da vida espiritual, seríamos levados a crer que ele minimiza o papel das obras, se é que lhes atribui alguma importância.

Na realidade, porém, para a fé a que se refere o Reformador, a antítese não está nas obras de obediência à conhecida vontade de Deus, mas nas obras de invenção humana consideradas no seu tempo, e ainda hoje, como meios para ganhar a salvação.

Logo no início do seu ministério foi Lutero acusado de que pelo realce dado à fé estava negando a necessidade da obediência à Lei de Deus. Para se defender de tal acusação, publicou em 1520 o tratado *Das Boas Obras*, que Melancton nesse mesmo ano classifica como sendo «optimum Martini opusculum» — o melhor opúsculo de Martinho.

Começa Lutero por definir as obras que devem ser realizadas: «É necessário saber que não há boas obras senão só as que unicamente Deus mandou; da mesma maneira que não há pecados senão unicamente os que Deus proibiu. É por isso que quem quiser conhecer e cumprir boas obras, não tem necessidade de mais nada senão de conhecer os mandamentos de Deus. Assim fala Cristo (Mat. 19:17): Se queres ser salvo, observa os mandamentos. E



quando o jovem perguntou (Mat. 19:18 ss) o que devia fazer para ser salvo, Cristo não lhe propôs outra coisa senão os Dez Mandamentos. Por isso devemos aprender a distinguir as boas obras segundo os mandamentos de Deus e não segundo a aparência, a grandeza ou a quantidade das obras em si mesmas, nem tão-pouco segundo a opinião dos homens ou os preceitos ou usos humanos, como vemos que sucedeu e sucede ainda sem cessar por nossa cegueira, com grande desprezo dos mandamentos de Deus.»<sup>19</sup>

Por outro lado, estabelecida a necessidade de obedecer à revelada vontade de Deus, explica ele a relação que têm as obras com a fé: «A boa obra, primeira e suprema, a mais nobre de todas, é a fé em Cristo, como Ele próprio o diz (João 6:28 ss). Quando os judeus Lhe perguntaram: 'Que devemos fazer para cumprir as obras boas e divinas?' Ele respondeu-lhes: 'A obra boa e divina é crer n'Aquele que Deus enviou.' Ora, quando ouvimos ou pregamos isso, passamos rapidamente e consideramo-lo como muito simples e fácil de fazer, sendo que nos devíamos deter longamente e esforçar-nos por alcançá-lo. Porquanto é nesta obra que devem resumir-se todas as outras; e a bondade delas, que dela resulta, devem recebê-la dela como de uma fonte. É necessário

que o sublinhemos fortemente, a fim de que se compreenda. Encontramos muitas pessoas que oram, jejuam, instituem pios legados, fazem isto ou aquilo, levam uma vida boa aos olhos dos homens. Se lhes perguntardes se estão certos de que o que assim fazem agrada a Deus, respondem: 'Não'. Eles não o sabem, ou então duvidam disso. ... Daí vem que, quando ponho a fé tão alto e reprovo as obras a que falta a fé, me acusam de interdizer as boas obras, quando a verdade é que eu desejo ensinar as obras verdadeiramente boas que nascem da fé.»<sup>19</sup>

O próprio Comentário da Epístola aos Gálatas, que tanto exalta o papel da fé na experiência da justificação, repisa constantemente o facto de que as obras são igualmente necessárias mas dentro do contexto em que devem inserir-se. Lemos, por exemplo: «Todavia, há outros que não são maliciosos, mas apenas fracos, e que podem ficar escandalizados quando se lhe diz que a Lei e as boas obras são inúteis para a salvação. Estes devem ser instruídos quanto à razão por que as boas obras não justificam, e por que motivos as boas obras devem ser feitas. As boas obras não são a causa mas o fruto da justiça. Quando nos tornamos justos, é então que começamos a ser capazes e a estar dispostos para fazer o bem. A macieira faz a maçã; não é a maçã que faz a macieira.»<sup>20</sup>

### A controvérsia sobre o livre arbítrio

Devemos reconhecer, porém, que Lutero, embora tenha salientado a necessidade da obediência à vontade de Deus, estava convencido de que, por si mesmo, o homem não é capaz de realizar qualquer bem. As suas próprias boas obras, em última análise, são também atingidas pelo estigma do pecado.

Não é difícil de detectar aqui o paulinismo tal como foi interpretado pelo bispo de Hipona, cuja influência se fez duplamente sentir sobre o Reformador — quer pelo lugar ocupado por S. Agostinho como mentor espiritual da Ordem religiosa a que Lutero pertencera, quer pela própria teologia de Staupitz, toda ela impregnada do espírito agustiniano.

Mas se a impotência humana para realizar o bem levava Lutero a colocar toda a sua eficiência e confiança em Cristo, levava-o, por outro lado, a minimizar o papel da liberdade no processo da salvação, e daí a negar o livre arbítrio e a admitir, como corolário dessa negação, a predestinação absoluta.

Contra esta posição não tardou que, sobretudo do lado católico, se levantassem vozes de contestação. Assim como contra Agostinho, que defendia idêntica posição, se levantou Pelágio, contra Lutero se levantou o mais celebrado humanista coevo, Erasmo de Roterdão, que em 1524 publicou a sua *Diatribes acerca do Livre Arbítrio*.

A resposta de Lutero não se fez esperar. Em 1525, publicou o extenso *Tratado do Servo Arbítrio*, no qual leva às últimas consequências a defesa da sua posição teológica.

Depois de estabelecer o facto de que as disposições de Deus são invariáveis e que a Sua presciên-

cia não é contingente, afirma: «Resta uma conclusão firme e irrefutável: é que tudo sucede por necessidade.»<sup>21</sup> Daí a crença na predestinação: «(Vemos pois que a crença na eterna predestinação e presciência de Deus não está menos enraizada no coração do homem do que no próprio conhecimento da divindade.)»<sup>21</sup>

Sendo assim, como explicar que uns sigam os caminhos de Deus e outros o da perdição? «A vontade humana encontra-se pois colocada entre Deus e Satanás, e deixa-se guiar e levar como um cavalo. Se é Deus que a guia, ela vai aonde Deus quer e como o quer, como diz o Salmo 73 (v. 22): 'Eu sou para Ti como um animal estúpido.' Se é Satanás que se apodera dela, ela vai aonde ele quer e como quer. Ora a vontade humana, em tudo isto, não é livre de escolher o seu senhor; os dois cavaleiros combatem e disputam quem se apoderará dela.»<sup>21</sup>

Mas então não existe o livre arbítrio? Sim. Só que, nas coisas espirituais, «a expressão 'livre arbítrio' não pode aplicar-se senão apenas a Deus». <sup>21</sup> Donde «se segue claramente que tudo o que fazemos, se Deus não nos assiste com a Sua obra, é mau». <sup>21</sup> Daí que, nos assuntos da salvação, não podemos falar de livre arbítrio, mas antes de «servo arbítrio».

«Agostinho é também deste parecer quando diz que, por si mesmo, o livre arbítrio não pode fazer senão o mal, e pecar. É por isso que ele o chama um 'servo arbítrio' (no seu 2.º livro *Contra Julianum*).»<sup>21</sup>

Erasmo ainda replicou com um opúsculo, *Hiperaspites Diatribae*, mostrando que não podia de maneira alguma aceitar o ponto de vista de Lutero.

Assim terminou a controvérsia, com a rotura completa entre os dois grandes homens do século XVI.

### De Armínio a Wesley

Embora Lutero, como vimos, não tenha negado a necessidade de obedecer à Lei de Deus e, por conseguinte, de crescer espiritualmente produzindo frutos de santificação, a verdade é que o desequilíbrio resultante da ênfase dada à graça e à fé relegando para segundo plano a Lei e as obras, ou, noutros termos, a revelada vontade de Deus e a obediência, levou o protestantismo a uma deficiente vivência espiritual. Repousando na experiência da justificação, baseada na graça de Cristo e na sua apropriação pela fé, o mundo protestante, confiado por um lado na predestinação divina e por outro convencido de que para os assuntos da salvação não dispunha de livre arbítrio, deixou de atribuir a devida importância à experiência da santificação. E, convencido de que «uma vez salvo, salvo para sempre», em breve o movimento saído da Reforma caiu no formalismo e no entorpecimento espiritual. Na expressão apocalíptica, «tens nome de que vives e estás morto».

Foi então que surgiu Jacobus Arminius (1560-1609), professor na Universidade de Leyden, Holanda, preconizando, em vez de predestinação absolu-

ta, a universalidade do benefício da morte expiatória de Cristo, e, em vez da negação do livre arbítrio, a liberdade da vontade humana. Os cinco artigos, conhecidos por «Artigos dos Remonstrantes», apresentados pelos seus discípulos, em 1610, aos Estados Gerais da Holanda, resumem correctamente a posição arminiana.

Segundo Armínio, a graça de Deus por meio de Cristo encontra-se presente em todo o processo da salvação, desde o seu início e desenvolvimento até à sua conclusão, «de modo que todas as boas obras e todos os movimentos para o bem que podem ser concebidos em pensamento devem ser atribuídos à graça de Deus em Cristo. Mas, quanto ao modo de operação, a graça não é irresistível, porque está escrito de muitos que eles resistiram ao Espírito Santo» (Artigo 4).<sup>22</sup>

Os que não resistem, mas crêem em Jesus Cristo e perseveram na fé e na obediência, terão a vida eterna; os que, pelo contrário, forem impenitentes e descrentes, serão rejeitados para condenação eterna.

Desta forma, conservando o que de válido havia na mensagem de Lutero, Armínio atribuiu particular importância à responsabilidade pessoal e obediência à revelada vontade divina na consecução da santificação, sem a qual ninguém verá a Deus.

Embora tenha sido notável a influência do Arminianismo durante o século XVII, ela só se manifestou em sua plenitude no século seguinte através do reavivamento religioso de João Wesley.

O fundador do Metodismo começou por adoptar uma atitude nitidamente arminiana. Um dos órgãos principais do Movimento foi precisamente *The Arminian Magazine*, estabelecido pelo próprio Wesley. Em defesa do Arminianismo escreveu ele o opúsculo *The Question «What is an Arminian?» Answered. By a Lover of Free Grace.*<sup>23</sup>

É inegável a influência arminiana no papel atribuído por Wesley à obediência e às obras na experiência da santificação. Por outro lado, desempenhou papel decisivo na sua vida espiritual a renúncia à dependência da própria justiça pelas obras e a aceitação da fé salvadora em Cristo, apreendida fulgurantemente ao ser lido numa reunião da Sociedade Morávia, na Aldersgate Street, de Londres, c prefácio de Lutero à Epístola aos Romanos. Nessa reunião, que teve lugar em 24 de Maio de 1738, e precisamente às 20,45 h., «senti o coração aquecido de maneira estranha. Senti que confiava em Cristo, Cristo somente, para a salvação; e foi-me concedida a certeza de que Ele tirara os meus pecados, sim os meus, e me salvara da lei do pecado e da morte.»<sup>24</sup>

E é assim que no reavivamento metodista do século XVIII se conjugam numa harmonia perfeita as posições luterana e arminiana acerca da justificação e santificação. Cristo apreendido pela fé é a única causa eficiente e meritória da nossa justiça; por outro lado, não podemos ser justos sem procurarmos obedecer, com a maior perfeição que nos seja possível, à conhecida vontade de Deus.

Sé não somos justificados pelas nossas obras, mas pela justiça de Cristo, tão-pouco nada contam

para sermos santificados as obras de justiça por nós cumpridas se não forem valorizadas pela justiça de Cristo.

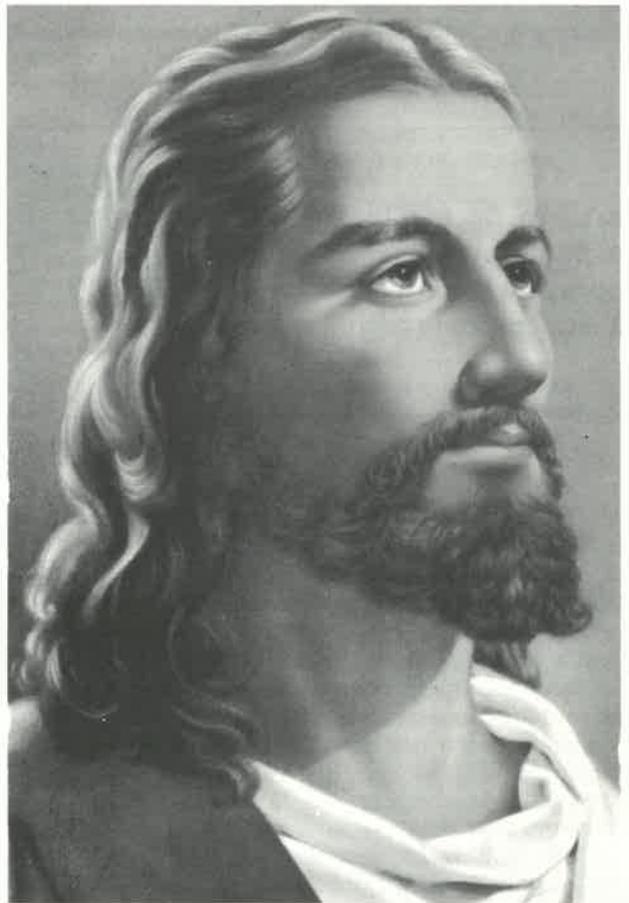
Em tudo, tanto na justificação como na santificação, toda a eficiência, mérito e glória vai para Cristo — Cristo, nossa justiça.

### A Igreja Adventista do Sétimo Dia e a realidade de Cristo, nossa justiça

No corpo doutrinário da Igreja Adventista do Sétimo Dia encontra-se precisamente o que há de melhor em Lutero, Armínio e João Wesley acerca da justificação pela fé (Lutero), da responsabilidade individual baseada no poder de decisão (Armínio) e da obediência e boas obras na experiência da santificação (Wesley).

É interessante notar o amplo espaço atribuído por E. G. White, no *Conflito dos Séculos*, tanto a Lutero (Caps. 7, 8, 10, 11) como a Wesley (cap. 14).

É também importante observar que a experiência da conversão de E. G. White se deu dentro do Metodismo, e essa foi a experiência que ela manteve e aperfeiçoou durante toda a sua vida — não pelo facto de se tratar de um ensino metodista, mas de um ensino bíblico.



De acordo com Lutero, numerosas são as referências de E. G. White à verdade de que só a justiça e a graça de Cristo, apropriadas pela fé, contam para a nossa justificação, não havendo o mínimo mérito das nossas obras para esse efeito.

«Não há um ponto que necessite de ser mais fervorosamente ponderado, mais frequentemente repetido ou mais firmemente estabelecido nas mentes de todos do que a impossibilidade de o homem caído merecer algo pelas suas obras, por melhores que sejam. A salvação é apenas pela fé em Jesus Cristo.»<sup>25</sup>

«A justificação é totalmente de graça e não obtida por quaisquer obras que o homem caído possa fazer.»<sup>25</sup>

«A fim de ser justificado, o pecador deve ter aquela fé que apropria os méritos de Cristo à sua própria alma.»<sup>26</sup>

«Que é justificação pela fé? — É a obra de Deus ao lançar a obra do homem no pó e fazer pelo homem aquilo que ele por si mesmo não pode fazer.»<sup>27</sup>

De acordo com Armínio, salienta E. G. White o papel do poder de decisão na vida do crente: «O motor da personalidade humana é a faculdade de decidir, de escolher. Tudo depende da vontade. Deus concedeu-nos a faculdade de escolher; compete-nos exercitá-la. Não podeis mudar o vosso coração, não podeis por vós mesmos consagrar a Deus as vossas afeições; mas podeis decidir servi-l'Ele. Podeis dar-Lhe a vossa vontade; e então Ele operará em vós o querer e o efectuar, segundo o Seu beneplácito.»<sup>28</sup>

---

### **«A fim de ser justificado, o pecador deve ter aquela fé que apropria os méritos de Cristo à sua própria alma.»**

---

Finalmente, de acordo com Wesley, insiste E. G. White na necessidade de que a fé não fique ociosa, mas se manifeste por obras de obediência e amor, ainda que para efectuá-las seja requerido um esforço constante. Na realidade, sem obras é impossível a santificação.

«As Escrituras claramente revelam que a obra da santificação é progressiva. Quando na conversão o pecador acha paz com Deus mediante o sangue expiatório, apenas iniciou a vida cristã. Deve agora aperfeiçoar-se; crescer até 'à medida da estatura completa de Cristo'.»<sup>29</sup>

«A santificação consiste na realização alegre dos nossos deveres quotidianos em obediência perfeita à vontade de Deus.»<sup>30</sup>

«A verdadeira santificação é nada mais nada menos do que amar a Deus com todo o coração, andar irrepreensivelmente nos Seus mandamentos e preceitos. A santificação não é uma emoção, mas um princípio de origem celeste que coloca todas as paixões e desejos sob o controle do Espírito de Deus; e esta obra é feita por intermédio do nosso Senhor e Salvador.»<sup>25</sup>

«Embora as boas obras não salvem nem sequer uma alma, é impossível que nem sequer uma alma seja salva sem boas obras.»<sup>25</sup>

O objectivo da verdadeira santificação é o aperfeiçoamento do nosso carácter a fim de nos identificarmos com os membros da família de Deus. Mas não é sem esforço que tal objectivo pode ser alcançado. Na realidade, «a perfeição do carácter cristão só pode ser obtida mediante trabalho, conflito e abnegação».<sup>31</sup>

Apesar, porém, de todos os nossos esforços para obedecer à vontade de Deus e alcançar a santificação, temos de reconhecer a imperfeição da nossa obediência e a mediocridade das nossas consecuições.

Mas assim como foi Cristo quem nos atraiu para Si, nos levou à conversão e nos justificou, e foi Ele quem nos fez nascer de novo e nos deu poder para obedecer e realizar obras de santificação, assim também é Ele quem cobre com a Sua obediência e a Sua justiça a imperfeição dos nossos esforços e consecuições.

«Justiça é obediência à lei. A lei requer justiça, e esta o pecador deve à lei; mas é ele incapaz de a apresentar. A única maneira em que pode alcançar a justiça é pela fé. Pela fé pode ele apresentar a Deus os méritos de Cristo, e o Senhor lança a obediência de Seu filho a crédito do pecador.»<sup>32</sup>

«Obras sem fé são mortas, e fé sem obras é morta. As obras nunca nos salvarão; é o mérito de Cristo que nos valerá. Pela fé n'Ele, Cristo tornará aceitáveis a Deus todos os nossos imperfeitos esforços.»<sup>25</sup>

«Quando está no coração obedecer a Deus, quando se envidam esforços para esse fim, Jesus aceita essa disposição e esforço como o melhor serviço do homem e supre a deficiência com o Seu próprio mérito divino.»<sup>25</sup>

De acordo com esta visão cristocêntrica da salvação, diz-nos o *Manual da Igreja*: «A salvação é inteiramente pela graça, e não pelas obras, mas o seu fruto é a obediência aos mandamentos.»<sup>33</sup>

Citando uma vez mais E. G. White: «Tudo devemos à graça, abundante graça, soberana graça. A graça no concerto ordenou a nossa adopção. A graça no Salvador efectuou a nossa redenção, a nossa regeneração, e a nossa adopção para a herança de Cristo.»<sup>34</sup>

Concluimos, pois, que «não temos um átomo de justiça própria com que nos apresentarmos. Tudo quanto fizemos é porque Jesus nos deu Sua força e Seu poder, não porque houvesse qualquer bondade, sabedoria ou justiça inerente em nós.»<sup>31</sup>

Na verdade, desde o princípio até ao fim, tanto para Lutero, Armínio e Wesley como para nós, Cristo, e só Cristo, é a nossa justiça.

## Referências

- (1) *Comentário ao Evangelho de João*, cap. VI-VIII. D. Martin Luthers Werke, Gesamtausgabe. Weimar: H. Bohlau, 1883 sgs. Vol. XXXIII, pág. 561. Apud Albert Hyma, *Luther's Theological Development from Erfurt to Augsburg*. New York: F. S. Crofts & Co., 1928, pág. 12.
- (2) *Luthers Werke, loc. cit.*, pág. 574; Hyma, pág. 12.
- (3) *Resposta ao último livro do Duque Jorge, Luthers Werke*, vol. XXXVIII, pág. 143 Apud Hyma, pág. 12.
- (4) *Exposição do Salmo XLV*. Edição de Erlangen, vol. XVIII, pág. 226 Apud Hyma, pág. 13.
- (5) *Sermão sobre Mateus XVIII-XXIV*. Edição de Erlangen, vol. XLV, pág. 156. Apud Hyma, pág. 14.
- (6) Cit. por Jean-Daniel Burger, *Érasme en face de la Réforme*. Genève: Labor et Fides, 1956, pág. 13.
- (7) *Carta a Jerônimo Weller*. Edição de Enders, vol. VIII, págs 159-160. Apud Hyma, pág. 13.
- (8) *Luther's Commentary on Galatians*. Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 4.ª ed., pág. 199.
- (9) *Comentário sobre a Epístola aos Gálatas*, cit. por Ernest Favre, *Jean Staupitz Ses Rapports avec Luther*. Lausanne: George Bridel et Cie, 1900, págs 24, 25.
- (10) J. Schlaginhaufen, *Tischreden Luthers aus den Jahren 1531 und 1532*. Edição de W. Preger, n.º 257. Apud Hyma, *op. cit.*, pág. 17.
- (11) Martin Luther, *Oeuvres*, tome VIII, Genève: Labor et Fides, 1959, pág. 174.
- (12) Cit. por Favre, *op. cit.*, pág. 36.
- (13) Id., *ibid.*, pág. 32.
- (14) Id., *ibid.*, pág. 31.
- (15) Cit. Por J. H. Merle d'Aubigné, *História da Reforma do Décimo-sexto Século*,

- Tomo I. New York: American Tract Society, s/d., págs. 198, 199.
- (16) *Colloquia*. Apud Favre, *op. cit.*, pág. 31.
- (17) *Luthers Werke*, ed. de Weimar, vol. LIV, pág. 185. Cit. por E. G. Schwiebert, *Luther and His Times*, pág. 288.
- (18) *Luther's Commentary on Galatians*, pág. 37, 84, 109, 110, 114, 119, 145, 147, 157, 164.
- (19) Luther, *Oeuvres*, Tome I Genève: Labor et Fides, 1957, págs. 213, 214.
- (20) *Luther's Commentary on Galatians*, pág. 79.
- (21) Martin Luther, *Traité du Serf Arbitre* (De servo Arbitrio). Paris: Editions «Je Sers» et Genève: Editions Labor, 1936, págs. 53, 54, 55, 80, 82, 83, 129, 136.
- (22) Henry Bettenson, *Documentos da Igreja Cristã*, trad. de Helmuth Alfredo Simon. 2.ª edição. São Paulo: Aste, 1963, págs. 305, 306.
- (23) *The Works of John Wesley*, vol. X Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, s/d., págs. 358-361.
- (24) *The Journal of John Wesley*, vol. I. London: J. M. Dent & Sons, 1930, pág. 102.
- (25) Ellen G. White, *Faith and Works*. Nashville, Tennessee: Southern Publishing Association, 1979, págs. 19, 20, 87, 111, 48, 49, 50.
- (26) E. G. White, *Selected Messages*, Book Three. Washington, D. C.: Review And Herald, 1980, pág. 191.
- (27) *Testemunhos para Ministros*, pág. 456.
- (28) *Aos Pés de Cristo*. Lisboa: Publicadora Atlântico, 4.ª ed., pág. 45.
- (29) *O Grande Conflito*. Lisboa: Publicadora Atlântico, pág. 375.
- (30) *Parábolas de Jesus*, pág. 360.
- (31) *Olhando para o Alto* (Meditações Matinais, 1983), págs. 103, 121.
- (32) *Mensagens Escolhidas*, Livro I, pág. 367.
- (33) *Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia*. Lisboa: Publicadora Atlântico, 1981, pág. 35.
- (34) *Testemunhos Selectos*, vol. II, pág. 506.

## PARA OS MAIS NOVOS



Há muitos anos viveu nos Estados Unidos da América uma mulher que tinha quatro filhos, um dos quais morreu quando era ainda bebê. Como todos os outros meninos, os seus também gostavam de histórias. Nas tardes chuvosas de Sábado eles costumavam ir ter com a mãe e pedir-lhe: «Mãe, leia-nos uma história. Por isso esta mãe procurava buscar um dos seus albums, arranjados por si mesma com histórias que recolhia aqui e ali, e nele as colocava, e lia uma delas para os seus meninos. O seu nome era Ellen White, e eu penso que tu gostarás de ouvir uma dessas histórias, intitulada:

### «O rato e o jacinto»

«Que coisa desajeitada e seca tu me pareces!» disse um ratinho gordinho a uma raiz de jacinto, que estava num copo num canto quente de um quarto. «Deve ser miserável ser-se como tu».

«Serei belo um dia», dis-

se o jacinto mansamente.

«Belo! será isso verdade? Tu pareces meio morto agora», respondeu o rato. «Não te sentes muito infeliz?»

«Não. Estou muito contente, e estou alegremente antecipando a beleza que será minha daqui a não muito tempo».

«Mas tu pareces tão morto», objectou o rato. «E, por favor, que és tu? Pareces muito confiante, mas não acredito em ti».

Mas antes que o jacinto pudesse responder, ouviu-se um barulho e o rato fugiu para o seu buraco.

A raiz manteve-se em silêncio durante algum tempo, pensando na conversa com o rato; e agora, ansiando por simpatia, voltou-se para uma raiz de tília que estava plantada num vaso vizinho e disse: «Ouviste aquele rato? Ele não me acredita de modo nenhum».

«Sim», respondeu a tília; «eu ouvi. Está a tentar que não sejas acreditado, mas isso não torna a tua esperança menos certa e verdadeira. A nossa vida está encoberta; um dia será vista».

«É bom saber isso. Quão surpreso ficará o rato ao ver-nos usar a beleza que será nossa», disse o jacinto.

«Ah, com tal esperança perante nós, podemos sentir-nos contentes de ser desprezadas e desconsideradas agora» respondeu a tília.

E assim as duas raízes continuaram a falar da sua esperança. Entretanto, perante todas as aparências exteriores elas estavam secas e feias, e poucos que entravam no quarto as notavam, ou tinham qualquer ideia acerca da beleza amorosa que elas aguardavam possuir em breve. Se eles tão somente o pudessem saber!

Mas estava encoberta. Assim passou o tempo, e várias vezes exprimiam as raízes as suas palavras de fé e esperança. Com o passar dos dias sentiam que se aproximava rapidamente o tão ansiado dia.

«Não mais seremos pobres e privadas de atenção»; disse a tília; «o nosso tempo de glória aproxima-se rapidamente».

«Sim», respondeu alegremente o jacinto; «dentro de alguns dias mais nos vestiremos dos nossos mais belos mantos».

Mas o rato não apareceu naquele lugar durante algum tempo, até que uma manhã, quando o quarto estava muito silencioso, ele saltou na direcção da janela e parou quase boquiaberto perante um belo jacinto cor-de-rosa na sua plena beleza, com os seus aveludados botões dando ao ar uma bela fragância, e a tília, ao seu lado, em sumptuosa aparência carmesim e dourada!

«Olá, coisas belas! quem sois vós? Nunca vos vi aqui antes», disse o rato.

«Nós dissemos-te que seríamos belas um dia», respondeu o jacinto.

«És tu? Oh, nunca vi uma coisa tão bela e amorosa na minha vida! O que é que te aconteceu? Pensei que estivesse morto».

«Mas eu não estava morto e isso disse-te eu, mas não me quiseste acreditar. Nós estávamos vivas quando aqui estiveste a última vez, somente estava encoberta a vida. Agora está à vista», respondeu o jacinto.

«Então foi isso que te fez estar tão contente! Quem haveria de dizer que te tornarias assim, ao ver-te tão feio há tão pouco tempo?»

«Foi por isto que nós esperámos com esperança e confiança», disse a tília; mas não tínhamos qualquer ideia de ficarmos tão belas!»

Não, é melhor do que esperávamos, e mais do que antevíamos», foi a feliz resposta do jacinto.

Nesse momento entrou uma senhora, e vendo-as a ambas tão belas, levou-as para a sala de visitas e assim terminou a conversa.

O apóstolo Paulo falou acerca duma interessante «mudança» que tomaria lugar nos cristãos genuínos por ocasião da segunda vinda de Jesus a esta terra. Talvez a senhora White tenha tido isso em mente quando recortou esta história e a colocou no seu album de histórias.

# NOTÍCIAS

## do campo

### Um Novo Farol!!!

26 de Março, uma data inesquecível para os adventistas da mui nobre cidade de Angra do Heroísmo!

Efectivamente, um Templo Magnífico surgiu para dar início, segundo o poder do Alto, a uma nova dimensão da obra adventista na ilha Terceira.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia nesta cidade tinha umas humildes instalações que não permitiam qualquer motivação para «o evangelismo exterior». Contudo, era o melhor que se podia possuir e oferecer até se lançarem os fundamentos para alcançar a realidade dos nossos dias.

Desde os primeiros membros, os casais José Mendes Sousa, João Gualberto da Silveira e Fernando Mendeiros Faria, a igreja se lançou na conquista de novas almas.

Houve épocas de extraordinário crescimento devido à acção do «primeiro amor» e também de condicionalismos propícios à conquista.

Com a facilidade de «saída para o Canadá e Estados Unidos» a igreja começou a enfraquecer.

A idade dos «pioneiros» já não permitia o mesmo entusiasmo. O terramoto de 1 de Janeiro de 1980 lançou por terra e frustrou todos os planos evangelísticos em força, pois com a queda da casa do obreiro e a conseqüente reconstrução não se poderia exigir ao pastor Rogério mais do que manter o trabalho em Angra e no grupo de S. Tiago.



*Aspecto da assistência no dia da inauguração*



*Pastor Ludescher dirige-se à assistência.*



*Aspecto exterior da Igreja*

«Quem sabe se para tal tempo como este viestes», foi a pergunta colocada a Ester e, creio que o pastor Rogério foi o obreiro certo para esta obra de manutenção e reconstrução.

Ao seu esforço e paciência vivendo em condições que nem todos aceitaríamos se deve em grande parte a igreja de hoje.

Não poderemos esquecer a oferta do terreno para a casa do obreiro pelo irmão José Mendes Sousa permitindo e resolvendo o problema habitacional.

A nossa gratidão a todos os membros e amigos que auxiliaram com suas ofertas e esforço.

Reconhecidos estamos para com a Divisão Euro-Africana e União Portuguesa pelo apoio e generosidade.

Uma palavra às autoridades pelos deferimentos conseqüentes de todas as solicitações a eles colocadas.

Com esta pequena síntese se tornou possível a inauguração e dedicação deste Novo Templo.

Foi um dia memorável para Angra e Terceira. As presenças dos Pastores, Ludescher, presidente da Divisão Euro-Africana; Joaquim Morgado e João dos Santos, Presidente e Secretário-Tesoureiro da União Portuguesa; José Luís Esteves responsável por Angra e pela direcção do trabalho na Região Autónoma, Manuel Garrido de Ponta Delgada, e João Mendonça, do Pico, e o ex-Pastor de Angra, irmão Rogério Fernandes, permitiram uma visão em potencial de nossa obra.

Adicionando a presença do Presidente da Câmara de Angra, professor Leopoldino; de visitas não adventistas e do grupo de S. Tiago, dirigidos pelo irmão Carlos Ávila, podemos dizer que jamais esqueceremos o espírito de unidade, crença e fé que envolveram os quase oitenta presentes.

A Igreja de Angra tem um NOVO TEMPLO, que deve ser um marco para uma nova era de crescimento e explanação da «Verdade Presente».

A evangelização vai romper as portas do tradicionalismo e paganismo que envolvem de uma forma consciente ou inconsciente estas gentes.

Confiamos em Deus para triunfar em tarefa tão árdua e soberba. A seara também está madura mas para colher é necessário «avançar e sempre avançar.»

Que Deus possa tomar os obreiros, os membros, as almas sinceras e, momento após momento, possamos ver como todos os dias o Senhor acrescenta à igreja de Angra aqueles que se hão-de salvar.

Sejamos unidos e animosos confiando na promessa: «lança o teu pão sobre as águas pois passados muitos dias o acharás.»

Que Deus nos abençoe e nos torne verdadeiramente «pescadores de homens!»  
Amen

*José Luís Esteves*

## Inauguração da Sala da Guarda em 14 de Maio de 1983

A mais alta cidade da Europa amanheceu fria neste Sábado 14 de Maio. Se assim não fosse, talvez não se compreendesse bem a razão porque a palavra «fria» faz parte dos 5 «F» porque é conhecida. Mesmo a despeito do sol que por vezes tentava romper as nuvens, o frio manteve-se ao longo de todo o dia.

Ao meio da Avenida João de Ruão, junto à estação do C.F., já às 15 horas se viam algumas pessoas em traje «sábatico». Pouco depois, este pequeno grupo transformava-se pouco a pouco numa pequena multidão, que atingiu mais



de uma centena de pessoas. Não se tratava da «morte de ninguém» como alguns curiosos chegaram a pensar, mas sim da inauguração de uma sala para reuniões na nossa Igreja, ali mesmo, na Guarda-Gare.

As 15-30 horas, sala repleta devido à presença das Igrejas de Viseu com Carregal do Sal e Póvoa, Arganil, Atalaia com Castelo Branco e Fundão, Coimbra com o seu especial grupo de Jovens, deu-se início ao acto inaugural.

Na tribuna, além do signatário, encontravam-se os Pastores J. Morgado e J. Santos pela União, Amílcar Lopes pela Igreja de Viseu e Eduardo Graça pela Igreja de Coimbra.

A leitura bíblica baseada na oração que Salomão dirigiu a Deus na consagração do Templo, foi feita pelo P. Santos.

O culto de consagração esteve a cargo do P. Morgado que deu ênfase especial à fidelidade dos primitivos cristãos de seguirem a ordem de Jesus ir por todo o mundo proclamar o Evangelho a toda a criatura — e a Guarda disse o orador, é uma parte desse mundo que importa e nos incumbe de evangelizar também.

Intervenções musicais dos jovens de Atalaia, Castelo Branco, Viseu e muito especialmente Coimbra, emprestar: m à cerimónia uma atmosfera de paz e recolhimento espiritual que muito contribuiu para a solenidade do momento.

As 20 horas e para o encerramento deste acto, o P. Santos apresentou o assunto «Cristo Vem — Prepara-te» deixando bem claro que, mesmo que Cristo não venha para pôr um ponto final a este pobre mundo, o homem está em condições de acabar com ele. E mesmo que o homem não acabe com ele, somos nós que acabamos na morte, sendo portanto mais que oportuna a advertência «Prepara-te... para te encontrares com o teu Deus».

A partir deste dia, mais um farol foi aceso em Portugal. Beneficiando os nossos irmãos que residem nesta área, dese-

jamos sinceramente que este farol possa brilhar continuamente com uma luz clara, distinta, a fim de guiar todos os que almejam um dia viver na presença de Deus.

Resta-nos agradecer a todos os irmãos e amigos que nos deram a alegria da sua presença, e que de uma maneira ou de outra contribuíram para o bom clima que se viveu neste dia, aqui, na mais alta cidade da Europa.

*M. Oliveira*

## Convenção de Obreiros

Realizou-se, sob a direcção do Pastor Joaquim A. Morgado, de 20 a 23 de Junho p. p., na Costa de Lavos, a Convenção anual de Obreiros a qual teve a participação de quase todos os pastores e obreiros bíblicos do nosso Campo.

Tivemos este ano, além da presença dos oficiais da nossa União, incluindo o Secretário Médico, a participação do Pastor Jean Zurcher, Secretário da nossa Divisão Euro-Africana, o qual teve a seu cargo a apresentação de temas relacionados, principalmente, com o papel e a função dos escritos de Ellen G. White na direcção e orientação da Igreja Remanescente. Função essa formativa e não normativa. Salientou, de modo particular, as aparentes contradições de algumas das suas afirmações nos seus escritos, as quais têm sido utilizadas pelos seus oponentes para apoiarem as suas posições contra ela e a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Por exemplo, uma dessas aparentes contradições que apresentou é a de ela afirmar no *Grande Conflito*, pág. 463, que «dos valdenses alguns eram observadores

do sábado». Esta afirmação tem sido bastante refutada pois, segundo os seus críticos, todos os valdenses observavam o domingo. Todavia, recentemente, um teólogo protestante ao escrever a sua tese para o doutorado, sobre os valdenses, descobriu, nas pesquisas que fez para elaboração da mesma, que um pequeno grupo de valdenses, que se reunia numa quinta, observava o sábado. Em 25 de Março de 1420 todo o pequeno grupo de 15 pessoas e o seu pastor, de nome Gilbert Gullant, foram condenados à fogueira pela Inquisição. Perante a ameaça da fogueira alguns renunciaram à sua fé. Todavia, 7 deles, incluindo o pastor, foram queimados. As acusações que imputavam sobre eles eram as seguintes:

- Rejeição do culto à Virgem, aos Santos e aos mortos.
- Não acreditarem nas missas pelos mortos.
- Não se benzerem.
- Condenarem a confissão.
- Acreditarem no sábado como o domingo. (Esta acusação é referida duas vezes).

Ellen G. White não é o Espírito de Profecia. O Espírito de Profecia serviu-se dela. Através dos séculos o Espírito de Profecia serviu-se de homens e mulheres (profetas e profetisas). Por meio de Ellen G. White o Espírito de Profecia fala-nos mediante os testemunhos. Por isso não é Ellen G. White que nos fala, mas o Espírito Divino. «Deus vos tem falado. Luz tem estado a brilhar da Sua Palavra e dos testemunhos, e ambos têm sido desprezados e desatendidos. O resultado é visível na falta de pureza e devoção e fé fervorosa entre nós». (*Testimonies*, vol. 5, pág. 217). É muito grave atribuir a Satanás aquilo que vem de Deus.

Se as mensagens de Ellen G. White vêm de Deus, inspiremo-nos e alimentemo-nos delas. Que elas nos ajudem a crer mais em Deus e na Sua Palavra.

Ellen G. White afirma que os seus escritos não são um complemento à Bíblia. A Bíblia é suficiente para esclarecer os espíritos, os mais entenebrecidos. Eles têm uma função formativa, explicativa. A este respeito o Pastor Zurcher referiu, entre várias coisas, o seguinte: «A revelação que Deus deu a Ellen G. White na visão sobre o Sábado não foi normativa, pois esta já havia sido dada na Bíblia. Ela foi formativa, explicativa. Durante 10 anos os primeiros observadores do sábado entre os adventistas debateram como guardar o sábado: quando começar e quando acabar. Em 1858 houve uma reunião em que John N. Andrews apresentou um estudo com uma dúzia de textos bíblicos a dizer que o sábado devia ser guardado do pôr-do-sol ao pôr-do-sol. Ellen G. White opôs-se a Andrews. Durante a noite teve uma visão em que o anjo se lhe apresentou informando-a que ela estava errada, e que Andrews estava certo. Ela pediu perdão ao anjo e perguntou se podia ser per-

doada. O anjo disse-lhe que ela havia agido por ignorância e que devia manter-se naquilo que a Bíblia revela. Assim, no dia seguinte, ela apresentou à Assembleia o que lhe fora revelado na visão».

A base é a Escritura. Os escritos de Ellen G. White apenas esclarecem, confirmam, formam, explicam quanto aos ensinamentos e doutrinas das Escrituras. O Espírito de Profecia tem, portanto, guiado esta igreja por tudo aquilo que temos visto e estudado.

Uma das decisões tomadas nesta Convenção, que creio ser bastante útil, foi a de troca de obreiros durante a semana de oração. Nesta conformidade o obreiro visitante dirigirá as reuniões espirituais e juntamente com o obreiro local visitará, durante a semana, se possível todos os membros, especialmente os mais carenciados, confirmando a todos na Palavra do Senhor e exortando à fiel observância dos princípios dessa mesma Palavra.

No que diz respeito ao evangelismo e cobertura do território nacional foi decidido que cada igreja faça nascer um novo grupo, que os grupos sejam transformados em igrejas e que as igrejas grandes sejam desdobradas em várias mais pequenas.

As meditações matinais, bastante apreciadas por todos, estiveram a cargo dos pastores Joaquim Morgado, José Albino Vieira, Amílcar Lopes e Mário Brito.

Assim terminou mais uma Convenção de Obreiros que, estou certo, irá contribuir para um maior empenhamento dos obreiros, que nela tomaram parte, na terminação da Obra de Deus em Portugal.

M. N. Cordeiro

## Semana de Oração no Colégio Adventista de Oliveira do Douro

Realizou-se entre os dias 2 a 6 de Maio a Semana de Oração do Colégio Adventista de Oliveira do Douro.

Durante estes dias, os alunos desta Escola tiveram oportunidade de viverem momentos de íntima comunhão com o Senhor e um grupo numeroso teve oportunidade de testemunhar do seu desejo de viver para Jesus.

As reuniões ocuparam uma parte da manhã. Na primeira hora da manhã, o Secundário e o Unificado abordaram o tema: Jesus, nossa esperança. Pela segunda hora, foi a vez do Ciclo que abordou o tema: Um mandamento novo te dou — que vos ameis... E finalmente, na hora seguinte, foi a vez da Primária que iria abordar o tema: Os Dez Mandamentos. Esta última reunião foi realizada pelas professoras primárias desta Escola.

Para as três reuniões diárias contamos com a projecção de um filme («Foi

crucificado») e com a participação de vários grupos musicais.

Encerrámos esta semana especial, com uma reunião de Santa Ceia que se realizou no novo Internato, às 16 horas do dia 6.

Sentimos que todos fomos abençoados e desejamos continuar essa experiência. Por isso, um bom grupo de alunos fará parte do novo Clube do Livro, no qual tratará de descobrir o caminho de Deus para a sua vida.

Rogamo-vos que nas vossas orações, vos lembreis desta Escola, bem como deste grupo que deseja conhecer a Jesus.»

Rogério P. Nóbrega

Preceptor do Colégio de O. do Douro

## Assembleia Regional do Norte

Nos dias 27, 28 e 29 de Maio realizou-se no Norte a Assembleia Regional das igrejas adventistas desta zona do país. Como convidado especial tivemos conosco o Pastor Ernesto Ferreira. Na sexta-feira dia 27 à noite houve uma reunião especial em quase todas as igrejas norte-nhas dirigindo o sermão um pregador vindo de fora. No Sábado dia 28 teve lugar o encontro principal. De manhã estivemos num Pavilhão em Vila Nova de Gaia expressamente alugado para o efeito. Congregaram-se ali umas largas centenas de irmãos; podemos mesmo dizer para cima de um milhar.

A Escola Sabatina foi dirigida pelo Pastor Ezequiel Quintino e teve a colaboração de vários irmãos de diferentes Igrejas. Na hora do Culto o Pastor Ferreira abordou um tema que tinha relação íntima com o lema da Assembleia que era: CHEGOU A HORA DE CEIFAR. Um côro com mais de 140 vozes deliciou-nos durante a Escola Sabatina e durante o Culto. Este Côro era composto por Irmãos de diferentes Igrejas da área e foi dirigido pelo Samuel Laranjeira e Joaquim Ferreira.

Na parte da tarde reunimo-nos em grande número na bela Igreja de Avintes. A primeira parte desse encontro foi dedicada à apresentação de várias experiências missionárias que nos dispuseram animosamente para o trabalho que teve lugar em seguida: Trabalho de porta em porta por toda aquela zona em que participaram alegremente muitos irmãos e durante o qual foram distribuídas centenas de revistas Os Sinais dos Tempos.

No Domingo dia 29 alguns irmãos encontraram-se na Igreja de Canelas onde, pelas 10,30 da manhã, o Pastor Eduardo Graça — que veio de Coimbra para colaborar nesta Assembleia — dirigiu uma bela mensagem de apelo que foi escutada com o maior interesse.

Alguns jornais diários do Porto estiveram no Sábado em Gaia e no Domingo em Avintes onde colheram elementos sobre a nossa Igreja e sobre a Assembleia que noticiaram nos dias seguintes.

Esta Assembleia permitiu vivificar a nossa fé assim como a fraternidade existente entre o povo do Senhor. Igualmente nos ajudou a termos, todos, uma melhor visão da obra missionária que nos incumbem a realizar.

*José M. Matos*

## Dedicação da Igreja no Cais do Pico

Às 15 horas, dia 19 de Março de 1983, encontravam-se em frente do novo edifício os Pastores João Belo dos Santos e José Luís Esteves com um grupo de crentes e visitas vindos de diversos lugares da Ilha do Pico.

Esse grupo aguardava o momento do corte da fita simbólica pela irmã Maria Silveira Ávila de Mendonça, para dar entrada no edifício e assistir à cerimónia de dedicação.

Foi para nós uma tarde maravilhosa, pois havia mais de quinze anos que não possuíamos uma sala própria para o serviço religioso na zona do Cais do Pico, o que motivou sentirmos penhoradamente o dever de estarmos gratos para com o nosso bom Deus e à nossa União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia pelo seu generoso contributo.

Por sua vez, o signatário e sua esposa sentiram no fundo da alma, por experiência própria, as palavras do sacro cantor de Israel: «Os que semeiam em lágrimas segarão com alegria.» (Salmos 126:5)



*O casal Mendonça obreiros na Ilha do Pico.*

Agora, que Deus se digne actuar fortemente, por meio do Espírito Santo, na alma dos crentes, para que estes, segundo a sua vocação, se dediquem a Deus e Seu serviço. Para os que dispersaram que Deus possa usar de misericórdia para com eles e lhes dê uma segunda oportunidade para arrependimento, a fim de raiar na alma nova esperança de vida eterna na presença do Senhor.

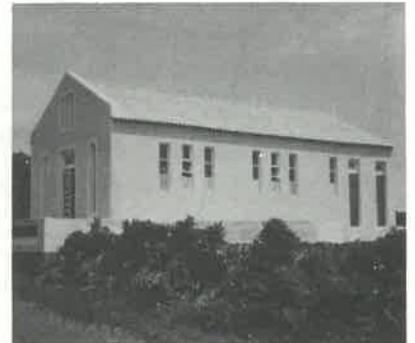
Quatro dias após a referida dedicação ou seja, no dia 23 do mesmo mês, tivemos o prazer e honra de receber a visita dos Pastores E. Ludescher, Presidente da Divisão Euro Africana, e Pastor Joaquim A. Morgado, Presidente da União Portuguesa, para os quais vão os nossos agradecimentos.

O Pastor Ludescher dirigiu uma mensagem em Fetais da Piedade, onde por justas razões fez um apêlo para que todos tivessem plena confiança Naquele que foi e que é o Eterno Guarda de Israel.

Julgo que é pela primeira vez que os crentes desta Ilha foram visitados pelo Presidente da nossa Divisão.

Que Deus se digne tocar no coração do povo açoreano e abençoá-lo, para que os bem intencionados que ainda se encontram no seio da moderna Babilónia espiritual, possam sair dela antes do cancelamento da ampla porta da graça.

*J. Mendonça*



*Aspecto da capela de Fetais da Piedade*

## Aguardando a Ressurreição

**Aniciet Cabral de Sousa**

É com pesar que comunicamos o falecimento do nosso prezado irmão Aniciet Cabral de Sousa. Era natural da Ilha de S. Miguel, mas encontrava-se em Portalegre desde o dia 31 de Dezembro vindo a falecer a 25 de Janeiro.

O nosso irmão desejava radicar-se nesta cidade, porque já aqui estavam trabalhando um seu filho e uma filha.

Consegui trabalho como lubrificador, numa garagem, mas como ainda as instalações não estavam prontas, comecei a trabalhar com um tractor nas referidas reparações. Quando pouco faltava para a hora do almoço, o tractor que o nosso irmão ia conduzindo voltou-se colhendo-o mortalmente.

Na véspera tínhamos ido tratar de arrendar uma casa pertencente à Câmara Municipal. Garantiram-lhe que ele teria a sua casa oito dias depois. Dizia-me ele: «Irmão, eu já poderia mandar vir a minha mulher e filhos, não acha? Eu disse-lhe que ele estivesse descansado que eu próprio iria a Lisboa, juntamente com ele, buscar a esposa e filhos quando eles viessem dos Açores.

Sim, de facto no dia seguinte a esta conversa eu fui a Lisboa buscar a esposa e filhos, mas para assistirem ao seu funeral.

Pensem bem neste episódio.

*José Albino Vieira*



*Igreja de Casais do Pico  
Templo e congregação*



**FAZ JÁ A TUA ASSINATURA  
DIVULGA-A**